

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Kelly Santos da Conceição

**Aquilombamento Digital: mulheres negras, comunicação e
trabalho em uma rede de afetos**

**São Paulo
2020**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Aquilombamento Digital: mulheres negras, comunicação e
trabalho em uma rede de afetos**

Kelly Santos da Conceição

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia Informação e Cultura

Orientadora: Prof^a Dra. Cláudia Nonato

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Às nossas mais velhas, detentoras de saberes ancestrais, que foram peças fundamentais para a nossa existência e libertadora das muitas estruturas sociais impostas.

Às mulheres cofundadoras da Indique Uma Preta, que além de movimentar e proporcionar um quilombo digital numa esfera capitalista, ofereceram todo o suporte para que esta rede pudesse ser estudada.

À professora Claudia Nonato, que sem mesmo me conhecer, aceitou o desafio de me orientar e tornou a jornada mais leve e possível.

Aquilombamento digital: mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos¹

Kelly Santos da Conceição²

Resumo: Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre as redes de afetos de mulheres negras, conectadas virtualmente para fazer trocas profissionais, ter acesso a oportunidades de emprego e ocupar espaços no mercado de trabalho. Além disso, traz à tona uma discussão em torno do termo “aquilombamento digital”, adotado neste artigo para designar redes que se movimentam e se estruturam em ambientes digitais no modelo adotado dos antigos quilombos. Para tanto, foi feita uma triangulação de métodos combinados: um estudo de caso do grupo *Indique uma Preta*, situado na rede social Facebook, além de coleta de dados quantitativos (por meio do formulário) e qualitativos (por meio das entrevistas). Entre os resultados, observamos que as mulheres do grupo apresentam estratégias quilombolas para acessar e sobreviver no mundo profissional, marcado por questões relacionadas ao machismo e racismo estrutural, entre outras.

Palavras-chave: comunicação; mulheres negras nas redes; aquilombamento digital; Indique uma Preta.

Abstract: This article intends to reflect on the affection networks of black women, connected virtually to make professional exchanges, to have access and occupy spaces in the labor market. In addition, it brings up a discussion around the term “digital pitching”, adopted in this article to designate networks that move and are structured in digital environments in the model adopted from the old quilombos. For this, a triangulation of combined methods was carried out: a case study of the group 'Indique uma Preta', located on the social network 'Facebook', in addition to collecting quantitative (through the form) and qualitative data. Among the results, we observed that women in the group have quilombola strategies to access and survive in the professional world, marked by issues related to sexist and structural racism, among others.

Key words: communication; black women in networks; digital maroons; Indique uma Preta.

Resumen: Este artículo pretende reflexionar sobre las redes de afecto de las mujeres negras, conectadas virtualmente para realizar intercambios profesionales, para acceder y ocupar espacios en el mercado laboral. Además, plantea una discusión en torno al término “digital pitching”, adoptado en este artículo para designar redes que se mueven y se estructuran en entornos digitales en el modelo adoptado de los antiguos quilombos. Para ello se realizó una triangulación de métodos combinados: un estudio de caso del grupo Indique una Preta, ubicado en la red social Facebook, además de la recolección de datos cuantitativos (a través del formulario) y cualitativos (a través de las entrevistas). Entre los resultados, observamos que las mujeres del grupo presentan estrategias quilombolas para acceder y sobrevivir en el mundo profesional, marcado por temas relacionados con el machismo y el racismo estructural, entre otros.

Palabras clave: comunicación; mujeres negras en redes; aquilombamento digital; Indique una Preta.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia Informação e Cultura no Centro de Estudos Latino-Americano Sobre Cultura e Comunicação (CELACC-USP).

² Jornalista e Pós-graduanda em Mídia Informação e Cultura. E-mail: kellysantos.jornalista@gmail.com

1. Introdução

As lutas das mulheres negras para acessar o mercado de trabalho no Brasil acompanham a sua narrativa histórica, marcada pela complexidade dos processos de sua identidade, e pela construção social imposta pelo colonialismo desde o período escravagista.

Segundo o relatório "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça" divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2018³, no Brasil, pretos e pardos representam 56% da população. Ao observarmos os profissionais negros que estão inseridos no mercado de trabalho, o número é considerado pequeno. Os dados do IBGE ainda mostram que, dos 12,6 milhões de desempregados em 2019, 65% são negros. Ao fazermos uma breve reflexão histórica até a atualidade, nota-se que a mulher negra sempre foi taxada como mercadoria, invisibilizada socialmente e colocada em lugar de subalternidade. Sueli Carneiro explica, em *podcast* da Folha de São Paulo⁴, que as relações de exclusão destas mulheres se dão desde a origem do processo colonizador, que seguiu durante os mais de 300 anos de escravidão no Brasil. São mulheres que, durante toda sua trajetória, tiveram que "provar" que eram capazes e merecedoras das atribuições que desejavam seguir, pois o que foi destinado a elas para o mercado de trabalho, desde o início, foram extensões dos afazeres domésticos.

Embora os padrões de desigualdade tenham se alterado nesses últimos 30 anos, eles não foram capazes de alterar a realidade das mulheres negras sobretudo no mercado de trabalho. Mudou significativamente, mesmo as mulheres negras que por um longo período estiveram confinadas no emprego doméstico, tiveram alguma transição mas ainda dentro do trabalho manual, mas as ocupações de maior prestígio e maior rendimento do mercado de trabalho continuam sendo apropriadas segundo a racialidade sendo homens brancos, mulheres brancas, homens negros e em último lugar mulheres negras. (CARNEIRO, 2019, online)

Ao fazermos uma reflexão a partir da chegada das mulheres negras ao Brasil, desenraizadas da sua terra de origem, percebe-se que elas se tornam fundamentais para a formação e funcionamento dos quilombos. Passaram a viver numa estrutura conhecida inicialmente como comunidade, mas que na verdade eram estruturas de apoio e redes de afeto, por suas ideias de fortalecimento destas comunidades, visando também melhores condições de vida para todos. Além de ser taxado por "lugar de negros-fugidos", os quilombos foram considerados por Abdias do Nascimento (2002) um sistema diferente do habitual, por

³ Dados disponíveis no link: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em 31 de outubro de 2020.

⁴ Podcast disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-da-para-falar-de-feminismo-sem-a-mulher-negra-diz-sueli-carneiro/>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

adquirir relações livres, solidárias e coletivas entre a população negra naquele período, que se organizava coletivamente para viver em comunidade.

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam esta colocação. Como sistema econômico o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis de uma vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. Nem propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza. Todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa, no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. Liberto da exploração e do jugo embrutecedor da produção tecno-capitalista, a desgraça do trabalhador deixará de ser o sustentáculo de uma sociedade burguesa parasitária que se regozija no ócio de seus jogos e futilidades. (NASCIMENTO, 1980, p. 348)

Com as histórias e relatos dos quilombos, é possível identificar novas formas de experiência dessas mulheres. Aliadas a homens negros para conquistar territórios, elas ressignificam o dito "papel da mulher". Ao invés de manter esta construção social de que as mulheres têm apenas a finalidade e o dever de cuidar da família e dos afazeres domésticos, elas mostram suas habilidades e formas de articulação em suas relações. Algumas delas se tornaram conhecidas como heroínas quilombolas: Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela, Luiza Mahin e tantas outras, que lutaram para a libertação de negros escravizados e mostraram novas possibilidades e arranjos feitos com maestria, mostrando que as mulheres são capazes de fazer o que quiser. Por essa vivência, elas trazem para a atualidade do século XXI a comunicação, de maneira estratégica para o mundo do trabalho e se tornam símbolo de resistência, graças aos mecanismos fundamentais que desenvolveram para sobreviver e garantir a sua própria existência.

Este movimento de relações estratégicas da época dos quilombos vai ao encontro ao termo "aquilombar", utilizado nos dias de hoje por intelectuais e pesquisadores, como a escritora Conceição Evaristo (2020)⁵, com a ideia de resistência da cultura negra brasileira. Para eles, o "quilombo" não é algo que ficou preso ao passado, pois se mantém presente, com características urbanas, essencialmente como um lugar de afeto, acolhida e compartilhamento de conhecimentos.

⁵ *Tempos de nos Aquilombar*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

Com a introdução das tecnologias, tem sido comum entre as pessoas negras a utilização de plataformas em rede para manter vivas as práticas dos saberes ancestrais dos quilombos, que ganham nova roupagem e terminologia, e são considerados como "quilombos digitais" ou "quilombos virtuais"- que, a nosso entender, são esferas, estruturas e ações semelhantes desenvolvidas nos quilombos, aplicadas e entendidas no ambiente digital. Ou seja, com a mesma ideia de pertencimento e busca de identidade dos quilombos do período escravagista, as ferramentas digitais são utilizadas para conectar pessoas e estarem entre os seus, mesmo com a distância física.

Diante dessas questões, este artigo pretende refletir sobre a conexão de mulheres negras para fazer trocas de conhecimento e ocupar espaços no mercado de trabalho, e como esta conexão pode ser um marco fundamental para as possíveis e futuras conquistas profissionais da população negra, uma vez que, esta relação de união proporciona mais pessoas negras no mercado de trabalho, furando as bolhas deste setor. Também apresenta, como vimos, o termo "aquilombamento digital", uma vez que é rara encontrar esta terminologia em pesquisas acadêmicas. Identificamos o aquilombamento digital como uma atualização do movimento quilombista na contemporaneidade, que se utiliza de técnicas e ferramentas tecnológicas na tentativa de ter uma sociedade com equidade e afetos. Este artigo também pretende contribuir para preencher uma lacuna de estudos na área acadêmica. Segundo pesquisa realizada em 2019 pelo jornal Folha de São Paulo⁶, baseada em dados da *Web of Science*, que congrega boa parte da produção acadêmica global em diversas áreas do conhecimento, o Brasil é o 5º país que mais publica artigos sobre desigualdade racial. A quantidade de publicações das últimas décadas teve um aumento significativo, de cinco em 1999, para 147 em 2018.

Dessa maneira, o artigo toma por seu objeto de investigação um estudo de caso do "quilombo digital", *Indique Uma Preta*. Alojado no Facebook, o grupo se autodeclara como "rede de apoio, empregabilidade e desenvolvimento profissional para mulheres negras"⁷, e tem como funcionalidade a democratização ao acesso de vagas de emprego de mulheres negras, além de contribuir para o processo que abarca o mundo do trabalho. Para isso, faremos uma triangulação de métodos combinados: coleta de dados quantitativos (por meio do formulário) e qualitativos (por meio das entrevistas). Segundo Roseli Figaro (2014), a triangulação de métodos é a utilização de diferentes abordagens metodológicas para prevenir

⁶ Dados disponíveis no link: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/11/pesquisas-brasileiras-sobre-racismo-e-desigualdade-racial-crescem-28-vezes-em-20-anos.shtml>. Acesso em 9 de novembro de 2020.

⁷ Grupo do Facebook disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1158082337596132/about>. Acesso em 06 de novembro de 2020.

possíveis distorções, e que possivelmente contribui para uma compreensão com profundidade. Essa combinação nos ajuda a compreender como este grupo se organiza e se desdobra no ambiente do Facebook, por meio da oferta e procura de oportunidades; apoio e suporte afetivo; e acolhimento. Essa movimentação de forma orgânica, nos revela uma nova relação estrutural entre pessoas negras no ambiente digital, para chegar e sobreviver ao universo do mundo do trabalho, chamado por nós de "quilombamento digital".

2. A busca das mulheres negras para estarem no mundo do trabalho

A busca das mulheres negras para entrar e se manter no mundo do trabalho é contínua, e segue juntamente com a construção de suas narrativas. Assim como o professor e jurista, Silvio Almeida, descreveu em sua participação ao programa Roda Viva, em 2020, a relevância da trajetória dessas mulheres e a potencialidade delas em re(existir) as colocam como sustentação da sociedade.

As mulheres negras têm tido o papel fundamental na sociedade, elas desenvolveram ao longo de sua trajetória tecnologias de resistência e de manutenção da vida, inclusive na vida de homens negros, que tiveram a sua vida destroçada por uma série de acontecimentos históricos, como a escravidão por exemplo, e tudo dela que sucede. As mulheres negras sempre foram os sustentáculos da vida social e política, e conseguiram manter, graças as formas de organização. Desenvolveram a vida em suas comunidades. E uma coisa que eu sempre costumo dizer é impossível pensar na luta antirracista se não houver uma luta pela igualdade de gênero, isso é absolutamente central porque o que o racismo faz, ele precisa estabelecer o controle sobre a vida das mulheres. De onde você acha que veio a ideia de raça pura? É justamente a ideia de estabelecer o controle sobre as mulheres. Então a luta antirracista tem na sua dimensão a luta pela autonomia, a luta pela liberdade, pela igualdade das mulheres. Isto é um ponto absolutamente central e fundamental para que nós possamos entender a força que as mulheres negras têm, não só no Brasil, mas no mundo. (ALMEIDA, PROGRAMA RODA VIVA, 2020).

As mulheres negras até hoje continuam lutando para conquistar os seus direitos. Elas que são a base da nossa sociedade buscam sua admissão, promoção e permanência no mercado de trabalho, no qual enfrentam todos os dias o preconceito de classe, raça e gênero. É importante pontuarmos que as mulheres negras no Brasil sempre trabalharam. Após o período escravagista muitas foram ganhadeiras, exercendo funções de pedreiras, peixeiras, lavadeiras, cozinheiras, amas de leite e tantos outros serviços domésticos.

Segundo Lélia Gonzalez (2018), o papel das "mães e tias pretas" nestes espaços de convivência, incluindo os quilombos, mostra a potência desta mulher, o ponto de comunhão

no qual conseguiam construir e preservar sua identidade, costumes e tradições. Mesmo submetidas a todo tipo de violência, desde a física até as constantes desqualificações que sofreram sobre o seu modo de falar, agir, se vestir etc., elas resistiram. Foi neste resistir e compartilhar de experiências e solidariedade, que as estratégias de sobrevivência foram construídas.

É importante pontuar que, após a abolição, o Brasil se deparou com um novo processo econômico e social, promovendo a expansão do capitalismo industrial. Fernandes e Ianni, apud Bento (1995) apontam que, durante esse período, as mulheres negras foram se inserindo aos poucos no mundo do trabalho.

Neste enfoque a mulher negra é vista como sustentáculo da raça, uma vez que os homens negros excluídos da nova ordem social por estarem despreparados para assumirem o papel de trabalhadores livres estavam sem condições de manter a sua família de modo que a mulher negra restou a responsabilidade pela manutenção material da família. (BENTO, 1995, p.480).

Segundo matéria publicada pela SBCoaching em 2019⁸, após a escravidão, as mulheres, recém chegadas ao mercado de trabalho, fora do âmbito doméstico e familiar, foram pouco valorizadas. Eram preferidas por seus empregadores, unicamente em razão do baixo custo da sua mão de obra, comparada ao trabalho exercido pelos homens, pois eram elas as que tinham mais horas trabalhadas durante a sua jornada. Além do período em que trabalhavam fora, eram "responsáveis" pelos afazeres domésticos ao chegar a seus lares. Mesmo contribuindo imensamente para o crescimento do mercado e o avanço industrial, essas mulheres conviviam com a figura do homem sempre em evidência e sofriam preconceitos e discriminações, o que fez delas alvo constante de desigualdades, trazidos até o momento.

A incansável busca das mulheres negras é, até hoje, pelo direito em poder escolher o trabalho que desejam exercer, serem aceitas e integrar este mercado como trabalhadoras igualmente capazes, como qualquer pessoa.

Segundo o levantamento do Perfil Social, Racial e de Gênero, das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas, realizado em 2016 pelo Instituto Ethos⁹, a presença feminina nas empresas sofre um afunilamento à medida em que a hierarquia sobe e atinge postos mais estratégicos – o número de homens é oito vezes maior que o de mulheres nos conselhos administrativos. Sob a perspectiva de raça, o estudo mostra uma exclusão

⁸ Disponível no endereço <https://www.sbcoaching.com.br/blog/mulher-mercado-trabalho/> Acesso em 03 de novembro de 2020.

⁹ Pesquisa disponível no link: https://issuu.com/institutoethos/docs/perfil_social_tacial_genero_500empr. Acesso em 19 de outubro de 2020.

ainda maior das mulheres negras dos cargos executivos estratégicos e de gerência. As mulheres negras são apenas 1,6% da gerência e 0,4% do quadro executivo e apenas duas mulheres negras foram encontradas entre os 548 executivos analisados nesta pesquisa. Os dados apontam ainda que, neste grupo de empresas estudado, negros de ambos os sexos têm a participação de apenas 34,4%, em todo o quadro de funcionários. A condição das mulheres é ainda mais desfavorável, com 10,6% ocupando 10,3% do nível funcional, 8,2% da supervisão e 1,6% da gerência.

A disparidade entre os valores pagos às trabalhadoras negras é maior quando comparada aos homens negros e pessoas brancas. De acordo com o Observatório da Diversidade e da Igualdade de Oportunidades no Trabalho de 2017¹⁰, no setor formal, a média salarial de uma mulher negra foi de aproximadamente dois salários-mínimos, quando o de um homem negro era de aproximadamente dois salários mínimos e meio. As mulheres brancas seguem com a média de aproximadamente quatro salários-mínimos e os homens brancos ocupam a primeira posição com aproximadamente cinco salários mínimos.

Longe de uma relação igualitária, a luta das mulheres negras para uma possível equidade no universo do trabalho é constante e se dá diante a estrutura social que permanece em sua essência. Para o escritor e jurista Silvio Almeida (2018), o racismo é uma forma de discriminação que tem a raça como alvo, e se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes, como um conjunto de hábitos, situações ou falas embutidas em nossos costumes, promovendo direta ou indiretamente o preconceito e a segregação racial. Para ele, o racismo é muito mais complexo do que um ato ou evento, é um processo de constituição de vantagens e desvantagens sociais que, inclusive, pode acontecer em caso de violência explícita ou não. O autor ainda classifica o racismo em três frentes: individual - que considera o racismo uma responsabilidade apenas do indivíduo; institucional - responsável pelo mal funcionamento das instituições com atitudes e parâmetros discriminatórios; e estrutural - definido por uma prática normal, no sentido da normalidade, de estar presente em todas as nossas relações de forma inconsciente ou consciente. Para Almeida, porém, “o termo 'estrutura' não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis, ou ainda, que indivíduos que cometeram atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados” (Almeida, 2018, p. 54).

Há anos a estrutura social no qual vivemos tem sido reproduzida de forma predominante. Especificamente no mundo do trabalho, esta quebra de normalidade avança no

¹⁰Pesquisa disponível no link: <https://smartlabbr.org/diversidade/>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

país, a partir da inserção de políticas públicas - observadas nos últimos quinze anos - que permitem o acesso e incluem essas mulheres negras no sistema, seja ele por meio de cotas ou iniciativas privadas. Um dos exemplos mais significativos desta medida foi a implementação de cotas raciais em universidades públicas. Segundo a antiga Secretaria de Políticas de Igualdade Racial, de 2012 a 2014, 150 mil estudantes negros ingressaram em universidades públicas. Em 2016, o censo do ensino superior do Ministério da Educação mostrou que 2,4 milhões de negros e indígenas estavam matriculados, ou seja, 30% dos universitários. Já o relatório de "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça" divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ¹¹) em 2018, também trouxe dados sobre a escolarização da população negra. Segundo o estudo, a taxa de conclusão do ensino médio - proporção de pessoas de 20 a 22 anos que concluíram esse nível - da população negra representava 61,8%. Já a branca, 76,8%. O estudo também mostrou que os jovens de 18 a 24 anos com ensino médio completo e que não estavam frequentando a escola por terem que trabalhar ou procurar trabalho eram de 61,8 % dos pretos e pardos, ou seja, mais uma vez os números mostram a asfixia social racial presente no o país .

Em entrevista ao Jornal “O Globo” em agosto de 2020, a diretora executiva do Instituto Identidades do Brasil (ID_BR), Luana Génot¹², mostrou o movimento crescente das empresas em possuir um ambiente mais diverso entre seus funcionários, onde, segundo ela, “se ouve muito, mas as práticas em si são poucas”. Em sua pesquisa, ela classifica as empresas em três níveis: as comprometidas com treinamentos para reduzir casos e denúncias de racismo; as engajadas, que fazem censo de diversidade e atuam para aumentar a contratação de negros; e as influenciadoras, que aplicam a questão racial até na escolha de fornecedores.

O que falta é um olhar mais afirmativo das empresas para entender as mulheres negras que já fazem parte do seu quadro e como transformá-las em CEOs. É preciso que a sociedade reconheça que as ações afirmativas não são esmolas ou um favor, são algo de que a sociedade precisa para crescer. (GÉNOT, 2020, online).

No Brasil, a construção que se fez da mulher negra e sua relação com o mundo do trabalho se mantém muito cristalizada até a atualidade. As pesquisas dos últimos anos mostram os avanços conquistados e a luta destas mulheres que buscam ser inseridas no mundo do trabalho, mas que, ainda assim, são excluídas por gênero e raça. Para que haja uma

¹¹Pesquisa disponível no link: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 17 de outubro de 2020.

¹²Disponível no endereço <https://oglobo.globo.com/ela/luana-genot-ponta-do-iceberg-24584393>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

verdadeira inserção destas mulheres no mundo do trabalho, é imprescindível que a luta seja de todas as pessoas e que a atuação aconteça da mesma maneira para gênero, classe e raça.

3."Aquilombamento digital": uma herança do quilombismo na sociedade contemporânea

Ainda que a inclusão digital não seja como a dos países mais desenvolvidos, três a cada quatro pessoas no Brasil acessam a internet, o que equivale a 134 milhões de pessoas, segundo a TIC Domicílios 201, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação, divulgada em maio de 2020¹³. Ou seja, uma parte significativa da população já está conectada, reforçando o processo de globalização da economia e do desenvolvimento de forma geral. Segundo Castells (2013), este cenário mostra a organização das sociedades em torno de redes comunicacionais que modificam substancialmente a morfologia do nosso meio.

Para além do simples acesso ao digital, o aparecimento e consumo das redes sociais da internet tem proporcionado na vida dos brasileiros a alteração da mentalidade e seus processos culturais; e atuado como agente questionador, enfrentando e deixando a comunicação, de uma certa forma, fora dos detentores do poder. Esta consolidação de sociedades em redes abre uma nova possibilidade de organização entre a população preta em prol dos seus direitos e suas lutas. Se pudéssemos transportar estratégias quilombolas para o período da contemporaneidade, traríamos dos antigos quilombos sua organização e afetividade para a esfera do digital, conceituados academicamente e pela população negra como "quilombos digitais".

Beatriz Nascimento (1980) pontua que, ao verificarmos os sistemas de poder, por mais que um sistema social predomine, é sempre possível que se criem sistemas diferenciais alternativos. O poder produz o contrapoder. Neste sentido, a maneira encontrada por algumas mulheres negras para compartilhar vagas de trabalho por meio do Facebook foi se utilizar de estratégias e conhecimentos quilombolas, como por exemplo, a comunicação de forma estratégica e assertiva, levando-as para o ambiente digital. Nesta esfera, muitas de suas práticas vêm impactando a sociedade por meio de processos coletivos que intensificam o compartilhamento destes saberes, sempre com olhar para as mulheres negras e suas formas de organização no âmbito digital, que podemos chamar de "aquilombamento".

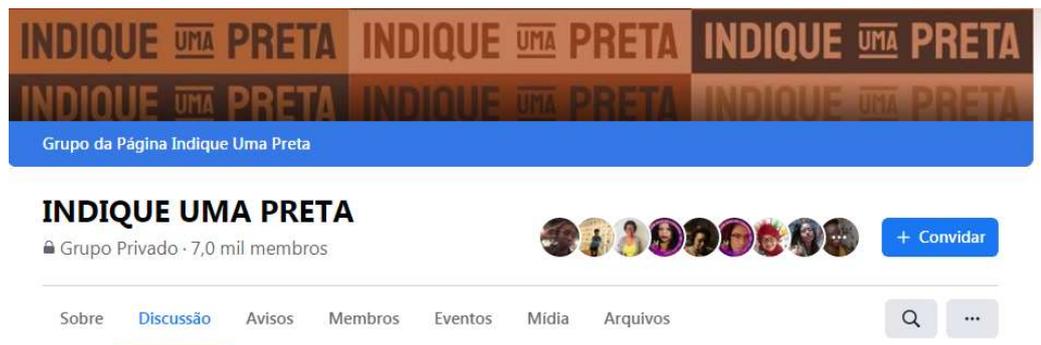
¹³Pesquisa disponível em https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em 17 de novembro de 2020.

Este "aquilombamento" no ambiente urbano e com o uso de plataformas digitais se torna o ocupar e o resistir de uma população negra que integra a sociedade contemporânea. É uma forma encontrada por esta população de se manter conectada com a ancestralidade e cultivar esperanças para a concretização de um futuro melhor. Fazendo uma analogia com os quilombos do período escravigista aos dias atuais, tendo como pano de fundo o mundo do trabalho, é possível dizer que: a luta agora é para sobreviver profissionalmente.

O conceito de "aquilombamento digital" vai ao encontro de alguns propósitos e princípios do quilombismo apresentado por Abdias do Nascimento (1980), tais como: garantir ao povo trabalhador negro o seu lugar na hierarquia de decisão; ampliação da frente de luta para a transformação radical das estruturas socioeconômicas e culturais da sociedade; mobilização e a organização da comunidade negra. O que diferencia o "aquilombamento digital" visto na atualidade do aquilombamento proposto por Abdias em 1980 é que o primeiro acontece dentro da esfera do digital e não há uma utopia por modelo hierárquico a ser seguido, quanto o segundo apresenta uma relação utópica de um movimento político dos negros brasileiros para que haja um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República de Palmares. O que podemos entender é que o "aquilombamento digital" pode ser uma atualização do movimento quilombista na contemporaneidade, onde ele se utiliza de técnicas e ferramentas tecnológicas na tentativa de uma sociedade com equidade. Outro fator determinante para a diferenciação destes conceitos são de que no aquilombamento digital estas estratégias quilombolas são exercidas numa esfera capitalista, sem grandes movimentações para que outro modelo seja implementado. Sua funcionalidade caminha para a sobrevivência do agora de um povo, que visa se encontrar, se reconectar e viver, e suas possíveis transformações sociais e culturais seguem como consequência deste encontro. Neste sentido, a *Indique Uma Preta* se mostra um modelo de aquilombamento digital, onde a relação comunicacional é afetiva, de acolhimento e possui um olhar interseccional para compreender a trajetória dessas mulheres e impulsioná-las ao mundo do trabalho.

4. Indique Uma Preta: os números e as potencialidades de mulheres negras invisibilizadas no mundo do trabalho

Imagem 1 – PrintScreen da página Indique uma Preta



Para a realização deste artigo foi feito um estudo de caso com uma triangulação de métodos combinados, são eles: coleta de dados quantitativos e entrevistas, além de análise interpretativa, por meio de postagens - referente ao grupo do Facebook *Indique Uma Preta*.

A Indique Uma Preta é uma plataforma de conexões entre a comunidade negra e o acesso ao mercado de trabalho. A página foi criada em 2016, quando a publicitária Daniele Mattos postou no Facebook uma oportunidade de trabalho no mesmo local em que trabalhava, com a finalidade de que, assim como ela, este espaço fosse ocupado por uma mulher negra. Na época, a vaga em questão não foi preenchida por uma mulher negra, mas o grupo continuou a se movimentar e a trocar oportunidades e temas sobre o mundo do trabalho. Foi durante estas trocas que Amanda Abreu e Verônica Dudiman, também publicitárias, foram convidadas para ajudar na administração do grupo, formação que se mantém até o momento. O grupo, que surgiu com a finalidade de indicar uma mulher negra para uma vaga de trabalho, possui hoje um olhar para conteúdo, comunidade, consultoria e processo de seleção, é uma plataforma de trabalho completa, com mais de sete mil mulheres.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso, assim como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico, seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados. Com ele, pretende-se reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre o conceito de "aquilombamento digital" utilizado no grupo, e a partir deste procedimento metodológico, seja possível compreender a dinâmica e o contexto real deste conceito.

Entre os métodos utilizados, a coleta de dados permite um estudo quantitativo sobre a rede estudada e apresenta o perfil destas mulheres e sua visão sobre o *Indique Uma Preta*. Para essa coleta, foi realizado e aplicado um formulário, publicado na página da *Indique Uma Preta*, de 03 a 23 de setembro de 2020, e observado de maneira orgânica. O formulário também foi enviado por e-mail, uma única vez, por meio do mailling das idealizadoras do

grupo, chegando ao total de 127 respostas. As entrevistas foram semiestruturadas, informais e complementaram esta triangulação de métodos. O aprofundamento deste contexto interpretativo e articulado ao conceito de "aquilobamento digital" se deu com as entrevistas realizadas com as cofundadoras da *Indique Uma Preta*. Assim como Gil (2008) define, a entrevista é uma forma de interação social e serve não apenas para coleta de dados mas também com objetivos voltados para o diagnóstico e a orientação. Também foi realizada uma análise interpretativa, que segundo Gil (2008) é entendida como um processo e procura a obtenção de um sentido mais amplo para os dados analisados. Esta análise foi realizada a partir das postagens observadas durante o mês de maio de 2020, em meio à primeira fase da pandemia da Covid-19 no Brasil, onde foram identificados conteúdos referentes ao mundo do trabalho e sua relação com o conceito de "aquilombamento digital".

4.1. Os dados quantitativos

Do universo de 6,5 mil mulheres que fazem parte do grupo do Facebook *Indique Uma Preta*, de acordo com o número de amostra realizado pelo site *SurveyMonkey*¹⁴. - precisaríamos de 105 respostas para representar a totalidade destas integrantes. Entretanto, conseguimos informações de 127 mulheres, com um grau de 90% de confiabilidade. Dentro deste percentual, 87,4% se autodeclararam negras e 11,8% pardas. Essas mulheres são majoritariamente da região sudeste do país(88,2%) e 63,8% atuam na área de comunicação, A quase totalidade de respondentes (93,7%) informaram que participam de outros grupos nas redes sociais que abordam o mundo do trabalho, com vagas de emprego, cursos e etc, mas 84,3% dizem que a *Indique Uma Preta* se diferencia dos demais. Esta diferença está extamente na maneira como a página é organizada e na forma que se desenvolve organicamente, com afeto, acolhimento e estratégias. São respostas como:

é uma página que exclusivamente dá oportunidade, não só isso, ela é nossa voz. Fico feliz de ver pretos no topo e uma representatividade mostrando onde realmente devemos estar.¹⁵

Ou ainda no depoimento que diz:

A seriedade que o grupo transmite fez com que ele parasse de ser só mais um grupo de fortalecimento nas redes sociais,

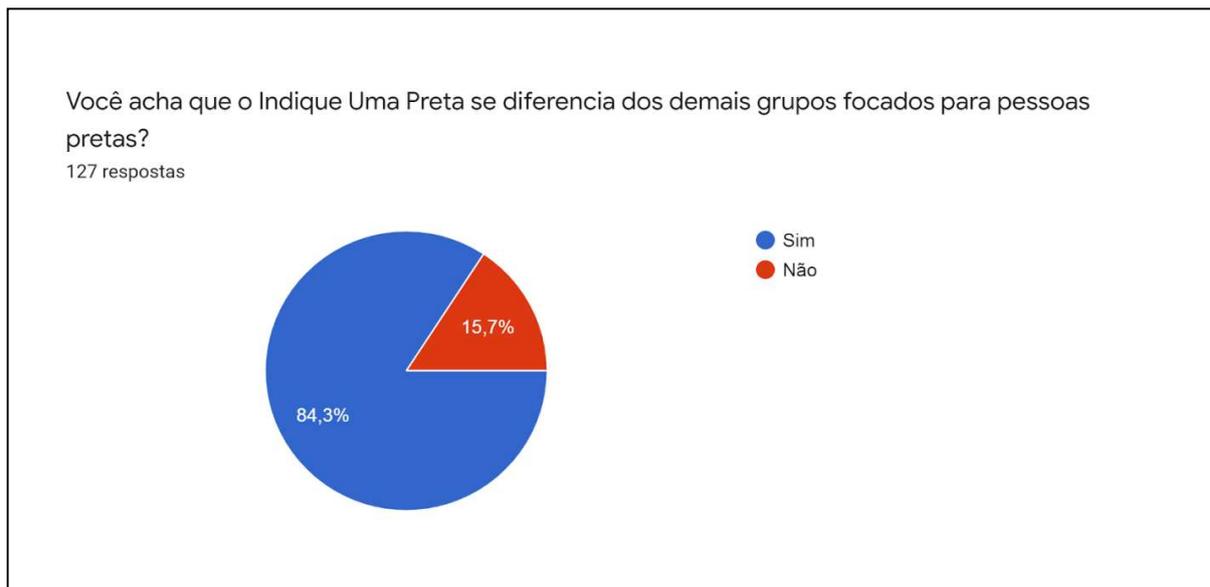
¹⁴ O site Survey Monkey diz respeito ao número de pessoas que são significativas para uma pesquisa. Disponível em: https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/?ut_source=mp&ut_source2=conducting-qualitative-research&ut_source3=footer&ut_ctatext=Calculadora%20de%20tamanho%20da%20amostra

¹⁵ Resposta espontânea e anônima no formulário que ficou disponível de 03 a 23 de setembro de 2020, na página Indique uma Preta

peças realmente conseguem aprender através dele, conseguem emprego¹⁶

Entretanto, 15,7% acreditam que não há diferença entre a *Indique Uma Preta* dos demais grupos. Deste percentual, cinco pessoas escreveram que não acham que o grupo se diferencia dos demais, mas não explicaram o motivo.

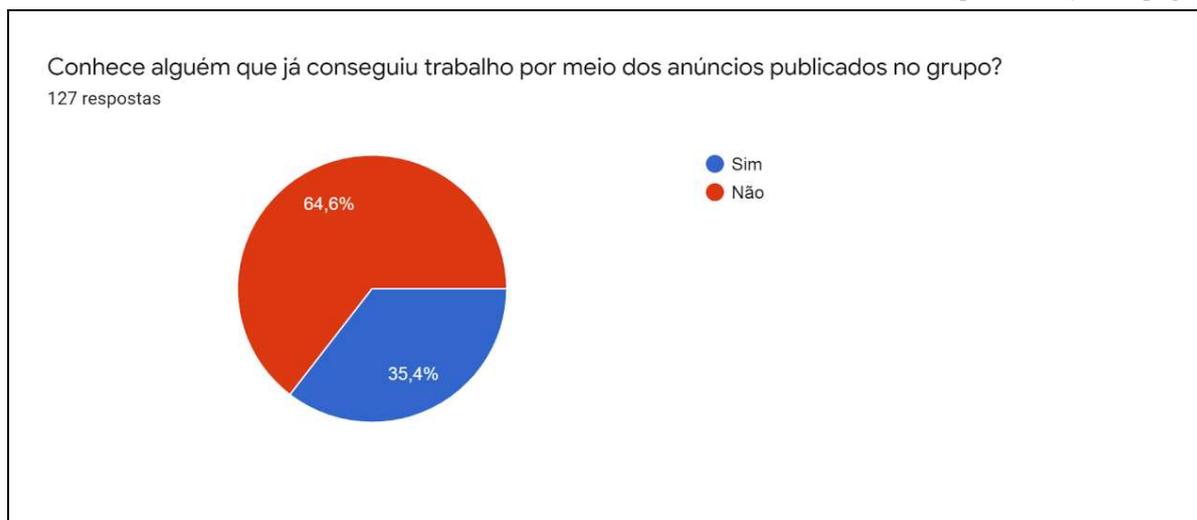
Gráfico 1 – Comparação da *Indique uma preta* com outras páginas semelhantes



Outro fator importante que se apresentou nos dados é que 18,1% das 127 pessoas que responderam ao formulário já conseguiram emprego por meio das oportunidades de trabalho que foram postadas no grupo. E 35,4% conhecem alguém que já conseguiu emprego, graças aos anúncios de vagas postados na rede. Esta realidade nos faz observar que, para o mundo do trabalho, este "aquilombamento digital" pode contribuir para a inserção de mulheres negras neste setor, aumentando as chances de uma possível equidade de gênero no mundo do trabalho.

¹⁶ Resposta espontânea e anônima no formulário que ficou disponível de 03 a 23 de setembro de 2020, na página Indique uma Preta

Gráfico 2 – Acesso ao mercado de trabalho por indicação da página



Neste sentido, os dados apresentam que a maioria dessas mulheres estão localizadas na região sudeste do Brasil e que a proposta do grupo tem sido alcançada, mulheres negras têm conseguido ocupar espaços no mundo trabalho por meio das oportunidades em diversas áreas, compartilhadas no grupo.

4.2. O discurso das criadoras da *Indique uma Preta*

A entrevista com Amanda Abreu e Verônica Dudiman, cofundadoras da *Indique Uma Preta*, aconteceu no dia 14 de outubro de 2020 remotamente, por uma vídeo chamada feita via Google Meeting. As duas relataram como se tornaram parte da rede, que tem um trabalho mobilizador e beneficia diretamente a vida de tantas mulheres negras. Contaram que conheceram a página após Daniele Mattos criar o grupo para postar uma oportunidade da agência em que trabalhava. Naquela época - 2016 -, não havia outras pessoas negras em seu ambiente de trabalho e a vaga não foi preenchida por uma mulher negra, mas rendeu um grupo, que já estava com vários membros e boa interatividade. Verônica e Amanda eram participantes ativas no grupo; postavam e conversavam com as demais integrantes e chamaram a atenção. Após dois encontros presenciais, em 2018 e 2019, com outras mulheres do grupo, o trio vivenciou a potencialidade da rede e entendeu que ali surgia uma nova ferramenta para auxiliar no acesso ao mundo do trabalho.

Para Amanda Abreu, o que a *Indique Uma Preta* faz hoje não é uma novidade. Ela explica que as mulheres negras sempre se organizaram, e o que pode surgir como novidade no trabalho que tem desenvolvido são as maneiras com que é possível fazer esta conexão.

As mulheres negras já vem fazendo muita coisa, desde sempre. A gente surge como ferramenra que promove acessibilidade para que

elas possam fazer mais coisas. Essas mulheres pretas já são por si só agentes transformadores. O que a gente faz é apenas distribuir essas ferramentas porque os passos já foram dados. A gente não está inventando a roda, a gente está mais na ponte de conexão. (ABREU, 2020, informação oral)

Verônica Dudiman explicou que o grupo segue de forma muito orgânica e que, mesmo com a proposta de ser um grupo para mulheres negras, com foco no mundo do trabalho, o grupo aborda muitas outras questões de maneira bastante fluida. Mesmo entendendo que o grupo se comporta de maneira diferente, comparado aos demais que possuem a mesma finalidade, ela não pontua como uma única ação responsável para esta diferença.

Acho que o grupo se diferencia de outras redes porque ali é um espaço onde só tem mulheres negras, e partindo daí fica difícil comparar. Ali é um ambiente seguro para elas falarem sobre diversos assuntos, como por exemplo o que estão fazendo sobre a carreira e suas dificuldades. É um acolhimento que eu realmente não sei de onde vem. Acho que os conteúdos que disponibilizamos, como lives, workshops e dicas, podem ser um dos fatores para que o grupo aconteça de maneira tão orgânica. Como um quilombo mesmo, a gente vai levando estes conteúdos de forma gratuita para a nossa rede. (DUDIMAN, 2020, informação oral)

Hoje, a *Indique Uma Preta*, além de se manter como grupo, é uma plataforma, agente fundamental para que mulheres negras possam furar as bolhas estruturais do mundo do trabalho, exercendo o papel de consultoria. Desta forma, elas orientam as empresas e toda estrutura econômica a romper barreiras estabelecidas e também procuram preparar as empresas para receber estas mulheres, proporcionando uma possível transformação, ampliando a diversidade no mundo do trabalho. Em entrevista a criadora do grupo *Indique Uma Preta*, Daniele Mattos, contou sobre a importância dessa plataforma e o que a torna diferente das demais.

Eu enxergo a *Indique Uma Preta* como uma plataforma, porque somos muitas coisas, e eu gosto do fato de sermos múltiplas, porque consultorias de RH não tem o olhar que a gente tem e aqueles que têm especialização em comunicação também não têm o nosso olhar, então a gente junta as nossas potencialidades e encontra um ponto de intersecção, para entregar essa mudança que a gente quer ver. Eu também vejo a *Indique* como um caminho, um atalho, uma ponte, porque é isso que a gente faz. Somos um vetor que potencializa outras mulheres dentro das empresas e em espaço de poder. Acredito que somos um agente de transformação, porque são muitas as mulheres que já conseguiram empregos por nós, conseguiram qualificação por meio de nossos cursos e que melhoraram a auto estima por causa das nossas rodas de conversa. Acho que o que temos de diferente de outras

consultorias é o exercício de comunidade, antes de virar consultoria somos comunidade. (MATTOS, 2020, informação oral)

A partir dessas falas, é possível verificar que a *Indique Uma Preta* se torna peça fundamental ao falarmos de mulheres negras e mundo do trabalho. Neste espaço, podemos encontrar a potencialidade diversa que o mercado diz que procura; o abraço e o acolhimento ao se deparar com situações racistas no trabalho; cursos e workshops para aperfeiçoamento profissional; vagas de emprego. Mais do que um exercício de comunidade, A *Indique* se mostra um quilombo digital afetivo preocupado e comprometido com as ações atuais e pensando nas mudanças efetivas a longo prazo.

4.3. Postagens do Facebook: uma análise sobre oportunidades e aquilombamento

Com o apoio de Aretha Teodoro, estagiária e integrante da *Indique Uma Preta*, foi realizada uma análise interpretativa das postagens da página, com um corpus de 235 postagens, feitas durante o mês de maio de 2020. Esse período foi escolhido pelos possíveis reflexos trazidos logo após o anúncio da pandemia da Covid-19 no Brasil. Não foi possível identificar 18 destas postagens, uma vez que se encontravam indisponíveis e/ou incompletas. Do número total de postagens, 50 foram sobre vagas diretas voltadas ao mundo do trabalho e 61 postagens foram de mulheres em busca de oportunidades nas funções em que exercem ou gostariam de exercer, como por exemplo, advocacia, psicologia, arquitetura, fotografia e tantas outras. A procura de profissionais negras em áreas como: psicologia, área financeira e educação, foram feitas em 23 postagens durante este período. Já a parte de formação, como classificamos por cursos e palestras, apareceram em 16 postagens, como podemos verificar na tabela abaixo:

Imagem 1 – Quantidade de postagens no Facebook durante o mês de maio de 2020

VAGAS NO MUNDO DO TRABALHO	50
POSTAGEM EM BUSCA DE OPORTUNIDADES / E OFERECENDO OS SEUS SERVIÇOS	61
POSTAGEM PROCURANDO ALGUM SERVIÇO	23
CURSOS E WORKSHOPS	16
NÃO IDENTIFICADAS / FORA DO AR	18
POSTAGENS SOBRE OUTROS ASSUNTOS	67
TOTAL DE POSTAGENS	235

O que podemos observar é que, mesmo o grupo tendo como foco o mundo do trabalho, o campo se abre com a proposta coletiva em contribuir, independente do foco da

postagem. É como se a sabedoria ancestral em "estar entre os nossos e levantar os nossos", fosse uma regra básica para permanecer no grupo, mas na realidade é o que acontece de forma orgânica. Exemplo disso, é uma postagem do dia 13 maio¹⁷ de 2020, uma jornalista se propôs a ajudar pessoas que prestariam o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) ensinando a elaborar a redação. Na postagem, que diretamente não se relaciona ao mundo do trabalho, houve um engajamento de 38 comentários, em que outras pessoas também se uniram à proposta e formaram um grupo de ajuda para a questão. Mais do que se limitar ao mundo do trabalho, como nos quilombos, a organização para sobreviver neste com as discriminações de classe, gênero e raça é sobreviver na bolha de uma sociedade capitalista, racista e sexista chamada Brasil.

Imagem 2 – Reprodução das postagens do dia 13 de maio de 2020

Thaís Borges de Araújo compartilhou uma publicação. 13 de maio · 🌐

Alguém aqui vai prestar o Enem ou conhece quem vai?

- Link para o grupo estudantes do ENEM 2020: <https://t.me/joinchat/MSII8BjCXeJxSGvsSAPCKAv>
- Link para o grupo de voluntários: <https://t.me/joinchat/MSII8BxW64HgscJocnOlig>

Thaís Borges de Araújo 13 de maio · 🌐

[PROCURO] [VOLUNTÁRIOS ENEM]

Link para o grupo estudantes do ENEM 2020: <https://t.me/joinchat/MSII8BjCXeJxSGvsSAPCKAv>

Link para o grupo voluntários ENEM 2020: <https://t.me/joinchat/MSII8BxW64HgscJocnOlig>

Eu sou jornalista, redatora e me disponibilizo a te ajudar com a redação do Enem, bora? 😊

No meu ano, eu fiz 840 pontos; o máx era 1000. Isso me garantiu uma bolsa de 100% no Prouni. 🙌

E você? Qual área se destaca para contribuir com estudantes que estão se preparando para a prova?

Sobre

O Indique Uma Preta é uma rede de apoio, empregabilidade e desenvolvimento profissional para mulheres negras. Esse é o grupo oficial para trocas de vagas, experiências, serviços e mentorias dedicadas exclusivamente à mulheres negras.

Para marcas, recrutadores e parcerias, entre em contato em nosso Instagram @indiqueumapreta ou pelo e-mail contato.indique@gmail.com.

"Quando uma mulher negra se movimenta, ninguém fica pra trás."
Angela Davis **Ver menos**

Privado
Somente membros podem ver quem está no grupo e o que é publicado nele

Visível
Qualquer pessoa pode encontrar esse grupo

Grupo Geral

A gente sabe que muitos alunos não estão conseguindo estudar regularmente devido à ausência de estrutura do ensino médio regular, seja por falta de internet de qualidade ou por aparelhos que suportem o sistema EAD implementado.

Ainda assim, o Governo Federal tem mantido o Enem deste ano, excluindo e tirando a chance de muitos daqueles que nem o valor da inscrição têm para prestarem o vestibular. Uma manobra clássica de manutenção de privilégios garantidos apenas àqueles com condições melhores.

Então é isso: vamos contribuir para que mais pessoas possam acessar a universidade, porque só com educação a gente transforma nossa realidade!

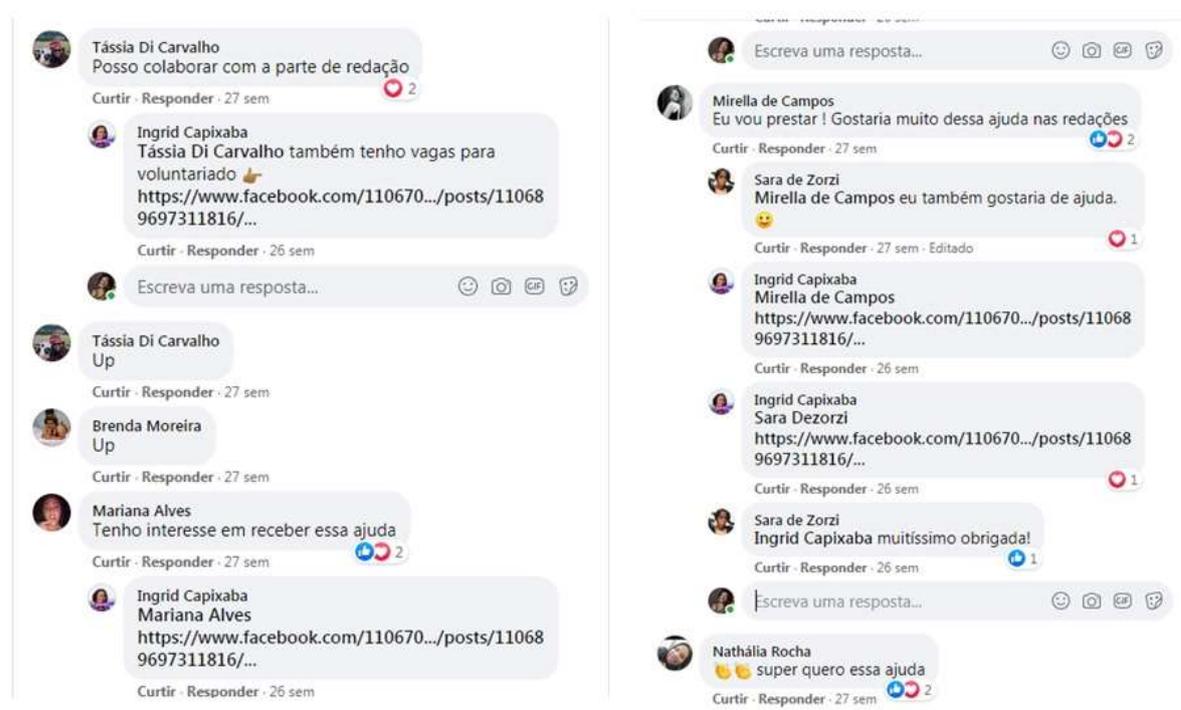
48 38 comentários

Curtir Comentar

¹⁷ Data emblemática para a população negra, na qual, segundo os livros históricos, a Princesa Isabel declarou a abolição da escravidão no Brasil.

É possível observar que o "aquilombamento digital" aparece de várias maneiras em uma única postagem: a postagem em si, na qual uma mulher negra se propõe a ajudar outras mulheres negras no ENEM; a forma com que a postagem convida outras mulheres para juntas construir algo maior; o engajamento de reações - como curtidas e corações - e a quantidade de comentários. Nos comentários, outras mulheres se propõem a ajudar indicando como ajudariam e há também mulheres que disponibilizam um link para organizar de forma metodológica esta ação.

Imagem 3 – Reprodução das postagens do dia 13 de maio de 2020



Nos comentários, outras mulheres se propõem a ajudar indicando como ajudaria e há também mulheres que disponibilizam um link para organizar de forma metodológica esta ação, o que reforça o "aquilombamento digital" existente.

5. Considerações finais

Na contramão da lógica colonial, as mulheres negras continuam lutando para ocupar os seus espaços e ter acesso e reconhecimento no mundo do trabalho. "E a trabalhadora negra, cumé que fica?": a pergunta, feita por Lélia Gonzales, em 1982, permanece ao longo dos

anos, com a busca das mulheres negras por respostas e lutas para mudar esta realidade trabalhista.

Nossa situação atual não é muito diferente daquela vivida por nossas antepassadas: afinal, a trabalhadora rural de hoje não difere muito da "escrava de eito" de ontem; a empregada doméstica não é muito diferente da "mucama" de ontem; o mesmo poderia dizer-se da vendedora ambulante da "joaninha", da servente ou da trocadora de onibus de hoje, e escrava de ganho de ontem. (GONZALES, 2018, p. 128)

A reflexão da época já sinalizava para fortes movimentos das mulheres negras por melhores condições no setor. O que parecia caminhar para um avanço rápido permanece até os dias atuais, no qual se fez necessária a atuação constante e coletiva dessas mulheres em buscar por seus direitos. Para que a sociedade atual seja diferente de tudo o que já foi vivido, é preciso que as estruturas passem a agir de outras formas, integrando a mulher negra como parte da sociedade, para haja uma possível transformação no mundo do trabalho. Assim é o caso da *Indique Uma Preta*, que a princípio com uma iniciativa pontual acabou se descobrindo potência para conectar mulheres negras ao mundo do trabalho.

A luta por direitos e avanços deve ser realizada em todas as esferas sociais, de dentro para fora, iniciada na base da estrutura, com formação e educação. É entender que a situação na qual as mulheres negras se encontram hoje é uma problemática social, na qual é dever de todos pensar em estratégias e ações para revertermos essa situação de poucas mulheres negras em posições de poder e cargos de liderança. Cabe não somente ao poder público como também o poder privado estabelecer iniciativas para que mulheres negras sejam incluídas no sistema trabalhista, em todas as suas esferas, desde o seu recrutamento até o desenvolvimento de projetos, atraindo essas mulheres para o mercado profissional, em todos os seus níveis - de aprendiz às líderes. O grupo do Facebook *Indique Uma Preta*, quando iniciou, era apenas um grupo em que mulheres negras compartilhavam suas experiências e oportunidades do mercado de trabalho. Hoje, ela é uma consultoria, uma plataforma de conexões entre mulheres negras e o mundo que as cercam atuando em várias frentes: produção de conteúdo, consultoria, processo e seleção. Basta saber se a rede de afeto continuará sendo a base deste quilombo e se ela sobreviverá aos grandes avanços e na potência que a *Indique Uma Preta* se tornou. O que sabemos é que a força e a união de mulheres negras que buscam acessar o mercado de trabalho, acontece de maneira mais orgânica quando são pensadas, organizadas e realizadas de maneira conjunta, e conseqüentemente, isso se dá na quebra das bolhas setorializadas e pré-estabelecidas existentes.

Diante de toda essa complexidade entre mulheres negras e mundo do trabalho, o "quilombamento digital" se torna uma base segura e de sobrevivência para estas mulheres. É por isso que as mulheres negras precisam se conectar para ter acesso às oportunidades do mercado de trabalho. Juntas, elas potencializam suas forças para enfrentar as barreiras estabelecidas. É por meio deste conceito, exercido na prática, que a conexão ancestral se mantém viva. É com o quilombamento que este afeto e acolhimento transpassa o fortalecimento ancestral, se tornando uma ferramenta estratégica para furar bolhas e romper estruturas. Graças a este movimento de parceria e irmandade é que estas mulheres se sentem mais fortes e esperançosas a quebrar este ciclo colonialista, podendo ocupar os seus espaços e abrindo caminhos para as novas gerações de mulheres negras do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. (Coleção Femininos Plurais) ed. Pólen, 2018.

BENTO, Maria Aparecida. A mulher negra no mercado de trabalho. Revista **Estudos Feministas**. n^o2. v.3. 1995. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466>>

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOLHA DE S.PAULO. **Pesquisas brasileiras sobre racismo e desigualdade racial crescem 28 vezes em 20 anos**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/11/pesquisas-brasileiras-sobre-racismo-e-desigualdade-racial-crescem-28-vezes-em-20-anos.shtml>>

FOLHA DE S.PAULO. **Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/11/nao-da-para-falar-de-feminismo-sem-a-mulher-negra-diz-sueli-carneiro.shtml>>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas, 2008

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**, 2^a ed. (Brasília/ Rio: Fundação Cultural Palmares/OR Editora, 2002).

NASCIMENTO, Abdias. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra, In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

O GLOBO. **Em textos inéditos, escritores expressam desejos para 2020.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>>

SBCOACHING. **Mulher no Mercado de Trabalho: Crescimento, Importância e Fatos.** Disponível em: <<https://www.sbcoaching.com.br/blog/mulher-mercado-trabalho/>>

SOUZA, Bárbara Oliveira. Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro. **Dissertação (mestrado)** —Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2008.

YIN , Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**, 2^a ed. (Porto Alegre : Bookman, 2001